

Análise Pragmática da Aplicação da Técnica da Inversão Existencial: Estudo de Caso



Alexandre Balthazar

Arquiteto e urbanista, mestre em urbanismo. Professor do IIPC de 1994 a 1998, foi professor orientador e responsável pelo CED em Foz do Iguaçu, formando 20 novos professores. Fundador do CEAEC e da Associação ARACÊ, foi responsável pelos projetos de arquitetura do CEAEC de 1995 a 2001 e da ARACÊ de 2001 a 2008. Voluntariado: Atualmente é gestor geral do Polo Conscienciocêntrico *Discernimentum*, construtor e professor universitário.

E-mail: reurbanize@gmail.com

Resumo

O trabalho apresenta um relato de experiência do autor relativo à aplicação da técnica da inversão existencial. Como proposta didática analisa sua invexibilidade com 7 inversões básicas efetuadas no contexto de contato com a Conscienciologia até os dias atuais. Tais inversões estruturaram a programação existencial e deixaram como legado, em conjunto com colegas de evolução, a implantação da base de duas cognópolis: Foz do Iguaçu – PR e Pedra Azul – ES. O trabalho também faz menção à superação de um traçar de menos-valia oriundo de passado religioso, através da utilização de ferramentas conscienciométricas e consciencioterápicas.

Introdução

Este artigo não tem como objetivo apresentar a técnica de inversão existencial, a mesma está bastante detalhada primeiramente no livro 700 Experimentos da Conscienciologia (VIEIRA, 1994) que dedica toda uma seção a este tema e, posteriormente, na vasta bibliografia conscienciológica. É sabido entre os pesquisadores da Conscienciologia quais são os requisitos básicos para quem busca aplicar a técnica. Conheci a técnica da invéxis entre 1993 e 1994, iniciei a sua aplicação e coordenei o GRINVEX – Grupo de Inversores Existenciais na cidade de Florianópolis. Para efeito didático e de demonstração da aplicação da técnica, busco com este artigo apresentar o holopense da inversão existencial aplicado em 7 inversões básicas durante o percurso de minha atual existência, indo além dos requisitos básicos exigidos ao praticante da invéxis.

A primeira acepção do verbo inverter do dicionário Houaiss é “voltar(-se), virar(-se) em sentido oposto ao que é natural; pôr(-se) às avessas”. Outra acepção é “alterar, trocar, mudar” ou ainda “transformar-se no contrário do que era”. A inversão existencial é inverter os rumos convencionais de uma existência humana: casar, ter filhos, adquirir casa própria, “vencer na vida”, aposentar-se e morrer. Porém, ao inverter o rumo, onde aplicar recursos como tempo, dinheiro e energia? Inversão não é simplesmente não ter filhos, não casar, não cometer aborto, não ter feito isso ou aquilo que elimine os pré-requisitos. Vê-se que se faz necessário apresentar casuísticas da aplicabilidade da invéxis que demonstrem resultados altruístas, gestações, fatos. Este trabalho tem a pretensão de atingir este objetivo.

As sete inversões citadas na sequência são exemplificações de verdadeiras guinadas evolutivas motivadas pelo sentimento de urgência e necessidade assistencial. A primeira inversão é um seguro proéxis, ou seja, hipoteticamente calculada na intermissão para uso dos amparadores. As demais inversões já são fruto do discernimento inversivo, conscienciológico. Todo o trabalho a seguir, como relato de experiência, busca ser pragmático e útil para os inversores existenciais.

Este texto foi intuído durante o experimento no Laboratório Radical da Heurística no dia 11 de maio de 2008, realizado em conjunto com minha dupla evolutiva. Neste momento [quando este artigo foi escrito em sua primeira versão], ela estava no outro Laboratório, distante cerca de 80 metros. Este foi o primeiro experimento conjunto de dupla evolutiva, em dois laboratórios *Serenarius* do *Campus ARACÊ*.

Metodologia da autopesquisa

O que segue abaixo é uma sequência cronológica de sete inversões no fluxo desta existência que acabou estruturando a execução da programação existencial. A aplicação da técnica da invéxis é uma inversão diária, a enumeração abaixo é didática e ilustra as principais reviravoltas desta existência que demonstram a priorização conscienciológica em contraposição à mesologia. Desta forma o critério básico para a escolha destas inversões foi o impacto causado no contexto grupocármico ou do grupo evolutivo, bem como no fluxo desta existência.

Contexto grupocármico

Nasci em Criciúma, cidade catarinense de 200 mil habitantes. Nono filho de uma família de dez, acompanhei todos os irmãos se formarem na faculdade. Cresci em meio à elite criciumense, frequentando clubes, passando o verão em casa de praia e frequentando colégio particular.

Desde pequeno lembro de olhar para os adultos e sentir que aquele modelo não era de meu agrado: “*casar, ter filhos, comprar muitas coisas, churrascos nos finais de semana, ficar barrigudo, se aposentar e morrer*”. Por outro lado, as propostas que me chegavam eram ligadas à igreja, que tinha certa rejeição. O sonho de minha mãe era ter um filho padre, a mesma sempre me estimulava a frequentar o grupo de jovens da igreja, do qual eu sentia verdadeira repulsa. Fui crescendo em meio aos irmãos mais velhos, em meio a discussões políticas, de futebol, etc. Esta convivência me ajudou no vocabulário e nos conhecimentos gerais. Acabei sendo conhecido por um menino que sabia falar difícil e sabia escrever boas redações. Este legado sou grato a minha família consanguínea.

A adolescência

Talvez a fase mais feliz – e inocente – da minha vida tenha se passado dos 15 aos 17 anos, quando surfava e tinha uma oficina de conserto de pranchas de *surf*. Praticamente monopolizei a manutenção de pranchas de surf e já planejava começar a fabricar as pranchas. O dinheiro vinha fácil com a operosidade que possuía para aquele labor.

Lembro que colocava uma bermuda logo cedo e só tirava para tomar banho e ir dormir. A sensação de sol, mar e liberdade que sentia na época ficaram gravadas na memória como algo de imenso bem-estar. Alguma coisa porém estava errada. Minha ambição pelo estudo diminuiu, já pensava em fazer uma faculdade qualquer em um município próximo, enquanto praticamente todos os meus irmãos estudaram em universidades federais nas capitais Florianópolis e Porto Alegre. As festas começaram a se multiplicar e começamos a andar de carro, muitas vezes exagerando na cerveja. O risco de acidente de percurso aumentava.

A primeira inversão: deixando de surfar

O sonho de fabricar pranchas, viver a liberdade do *surfe* a pouca ênfase nos estudos, me expuseram ao risco de uma ectopia evolutiva e acabaram por desengatilhar um seguro próexis – cirurgia na coluna, como garantia de cumprimento do que está relatado mais adiante. A noção de seguro próexis foi construída aos poucos com os estudos na Conscienciologia. Na ocasião eu apenas tinha a sensação de que estava distante daquele modelo que almejava durante minha infância e início da adolescência. Ainda muito ligado às tradições católicas da minha família, muito mais pelo medo da cirurgia, prometi que mudaria meu padrão de vida caso tudo desse certo com a mesma. Sofria de espondilolistese grau 4, um problema congênito raro, que aparece com esforços demasiados na coluna. Lembro do dia que consertava uma prancha de *surfe* e o excesso de dor na coluna começou a incomodar. A cirurgia em julho de 1987 foi inevitável. Em decorrência desta operação, voltei para minha cidade natal (fazia pré-vestibular em Florianópolis), mudei de turma, de holopense, de rotina, enfim, estava fora do *surf*. Foi traumático e frustrante quando o médico me disse ao retirar o gesso 4 meses depois da cirurgia: “...nem pense em voltar a surfar, aquela cavada que você dá na onda, faz uma pressão de dezenas de kilos na sua coluna...”. Fiquei sem chão durante muito tempo. O ano de 1987 ficou marcado por esta cirurgia e esta mudança de rumos em minha vida. Perdi um bimestre do período escolar e acabei não passando no vestibular para Psicologia. Fiquei mais um ano em Criciúma, fiz um teste vocacional – estava tentando me encontrar e acabei prestando faculdade de Arquitetura, inspirando-me em meus irmãos engenheiros e em outro arquiteto. O legado era a mudança de rumos, a retirada desta consciência de uma grande ectopia consciencial.

Conhecendo a Conscienciologia

Durante uma aula de Física com um professor japonês, na faculdade de Arquitetura, eu estava sentando numa das últimas cadeiras. Comecei a observar que os colegas da frente passavam uma carta uns para os outros. Todos escreviam algo e passavam adiante. Aquilo me intrigou. Uma outra colega virou a carta e escreveu muito. Fiquei ainda mais intrigado e passei a aguardar que a tal carta chegasse até mim. Quando chega às minhas mãos, vejo que o conteúdo da carta estava voltado para um aluno mais antigo do curso que estava preso. Viro a carta e passo a ler o que a colega escreveu com tanta atenção:

“...veja colega, você não está preso, quem está preso é o seu corpo. Você pode sair da prisão quando quiser, conheço uma ciência chamada Projeciologia que estuda a experiência fora do corpo e posso te passar alguns livros sobre o assunto, você pode aplicar algumas técnicas para isso...”

Após ler aquele texto, li a parte da frente, com conselhos e de uma certa forma alguma tacon, escrevi algumas palavras e passei adiante. Aquela colega talvez tenha feito uma das grandes tarefas de sua vida. Numa visita técnica às obras de arquitetura no bairro onde ficava a Universidade Federal de Santa Catarina, passamos perto de uma banca de revistas, olho para o canto inferior direito e localizo a foto do professor Waldo Vieira, na Revista Ano Zero. Compro imediatamente a revista e descubro que havia cursos de Projeciologia em Florianópolis. Isto foi em 1991. Fiz os cursos e em janeiro de 1993 me torno voluntário do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia.

A segunda inversão: um trabalho final de graduação para o IIPC

Um fato comum na faculdade de Arquitetura é a conclusão do curso com um grande projeto. Grande *resort*, centro comercial, *shopping center*, edifício residencial etc. Este era o fluxo normal dos projetos de graduação. Eu estava no meio da faculdade quando conheci o IIPC. Logo comecei

a frequentar os cursos, tornei-me voluntário e passei a coordenar o Grinvex – Grupo de Inversores Existenciais da cidade de Florianópolis. Ao tomar conhecimento da realidade do IIPC, percebi o quanto fazia falta um centro de pesquisa, um *locos* onde teriam biblioteca, laboratórios, salas de aula etc. Então me perguntei: por que não faço um centro de pesquisa para o IIPC em meu projeto de graduação? Isto ajudaria a criar o morfopensene do que um dia seria o *Campus* Sede do IIPC. Depois de pensar muito no assunto, começo a esboçar os primeiros desenhos. A primeira ideia que veio foi projetar o CINVEX – Centro de Inversão Existencial. Esboço a ideia teórica e levo para a faculdade, continuo a pensar no assunto. Quando vou fazer o curso ECP1 - Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1 no Rio de Janeiro, já chego com a ideia de fazer algum projeto. Sou apresentado à Diretora Técnico – Científica da época, que coloca em minhas mãos o projeto do *Green Life*, o esboço do que seria um laboratório das bioenergias. Alguns colegas que me conheceram naquela época, dizem até hoje que eu não inspirava muita confiança, pois tinha o cabelo comprido e ainda era vocalista e saxofonista de uma banca de rock.

O texto estava em inglês, o li por inteiro, porém não senti que era aquilo que tinha que fazer. Volto para Florianópolis e passo a pensar no *Campus* do IIPC. Talvez o contexto da sede do IIPC, no bairro da Glória no Rio de Janeiro, tenha me tocado ainda mais. O ambiente externo era extremamente degradado, embora as energias do IIPC fossem extremamente acolhedoras para nós, alunos visitantes. Faço alguns esboços e trago comigo para o ECP2 – Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 2, no mês de setembro, o último curso da grade curricular do IIPC na época.

Chego para o ECP2 já de cabelo curto, sou apresentado para os coordenadores do GPC – Grupo de Pesquisa da Consciência – Socin Conscienciológica, que por sua vez me levam ao professor Waldo Vieira. Durante a reunião com o professor Waldo apresento as ideias para o projeto do *campus* IIPC que me diz: “...é isso, você pegou a ideia...”. Porém havia uma pesquisa em desenvolvimento no GPC – Socin intitulada condomínio conscienciológico. O grupo pesquisava a convenção, projeto, já havia inclusive uma proposta de compra do terreno para construir o condomínio. Chegamos a um consenso junto com o professor Waldo que o melhor seria fazer o projeto do condomínio para somar com os trabalhos em andamento. Dito e feito. Desenvolvi o projeto do condomínio conscienciológico aproveitando a oportunidade oferecida pelo curso de arquitetura e urbanismo como laboratório para tal. Hoje entendo porque foi tão difícil dar prosseguimento àquele projeto. Mesmo já sabendo da multidimensionalidade, sinto que dar acabativa no projeto foi quase como remover uma montanha de lugar.

Para explicar o projeto para os colegas e para todo o curso, já que o projeto ficou em exposição no centro tecnológico, foi elaborada uma apostila explicativa com os conceitos básicos da Projeciologia e Conscienciologia. Em síntese, o objetivo do projeto era criar o morfopensene da construção de algo para a Conscienciologia. Sabíamos que aquele projeto não seria construído, mas enquanto morfopensene, poderia despertar outras pessoas que viessem a somar naquela ideia e, quem sabe, pensarmos na construção de fato. O projeto do condomínio foi formalmente apresentado durante o III Simpro – Simpósio de Projeciologia no IIPC, em setembro de 1994. Na ocasião, dezenas de voluntários de todo o país conheceram o projeto e passaram a pensar na possibilidade de, quem sabe um dia, construir algo para o IIPC. Em abril de 1995, este projeto foi apresentado em reunião do grupo de pesquisa Socin Conscienciológica em Curitiba, ocasião da doação do terreno em Foz do Iguaçu que desencadeou o processo do CEAEC.

A terceira inversão: de república de estudantes à primeira Basecon – Base Conscienciológica

Antes mesmo da finalização do projeto do condomínio, em fevereiro de 1994, eu encontrava dificuldades para resolver o problema de moradia. Era um hábito a moradia em repúblicas de estudantes, um grupo se reunia e alugava um apartamento para dividir as despesas. Eu mesmo já havia morado em

pelo menos três repúblicas durante a faculdade. Numa ocasião em que eu estava no núcleo do IIPC Florianópolis, um colega bate nas minhas costas e diz: “Posso te ajudar em algo?” Olho para a lista de pendências e digo: “...que tal procurarmos um local para montarmos uma república conscienciológica?”. Aquilo foi dito sem muita pretensão. No outro dia o mesmo colega chega no IIPC esbaforido dizendo que havia encontrado um apartamento enorme por um preço bastante razoável. Em pouco tempo já tínhamos os moradores da primeira república conscienciológica que temos notícia. Já na primeira reunião surge a ideia: Basecon – Base Conscienciológica. Talvez a pretensão tenha sido querer plasmar um modelo de gestão conscienciológica que aliasse: trabalho, moradia, pesquisa e assistência. O grupo na época chegou a montar uma empresa de camisetas temáticas da Conscienciologia chamada Quarta Onda. A marca chegou a ser registrada, por pouco não contou com CNPJ. Na verdade a primeira basecon sediada em Florianópolis foi o embrião dos primeiros projetos e esboços arquitetônicos voltados à ciência Conscienciologia.

A Basecon Florianópolis abrigou inclusive algumas reuniões do IIPC, confraternizações de voluntários, confraternizações com grupocarmas de voluntários enfim, era literalmente uma referência ao IIPC na cidade. Alguns professores do IIPC na época frequentaram ou mesmo se hospedaram na Basecon: Wagner Alegretti, Antonio Pitaguari, Sonia Cerato, Gleize Maroder e Sergio Muskopf (*in memoriam*). Minha primeira entrevista para docente do IIP foi realizada na Basecon.

Resta apenas uma profunda gratidão pelo grupo que trabalhou junto naquela ocasião, servindo como apoio ao núcleo do IIPC Florianópolis e como sustentáculo da finalização do projeto do condomínio conscienciológico.

A quarta inversão: do sonho da Psicologia para o CEAEC – Centro de Altos Estudos da Consciência na fronteira com o Paraguai

Quando finalizo o curso de Arquitetura e Urbanismo, faço um curso pré-vestibular e entro para o curso de Psicologia ocupando a quinta vaga, já no mês de março. Realizo um sonho que vinha desde antes do tal teste vocacional. Nesta época, ainda na Basecon, passo a fazer itinerância pelo IIPC em algumas cidades de Santa Catarina. Começava a esboçar minha carreira conscienciológica: professor itinerante, psicólogo, poliglota... No mês de abril de 1995, sou convidado para participar de uma reunião do GPC Socin na cidade de Curitiba. Nesta reunião há o advento do CEAEC através da doação de um alqueire de terra. Lá estavam os representantes das diversas pesquisas do GPC – Socin: empresa conscienciológica, escola conscienciológica, cooperativas, condomínio conscienciológico, a pesquisa ação CIAE – Centro Integrado de Altos Estudos – desenvolvida pelo núcleo IIPC Porto Alegre, enfim, quem queria fazer algo de concreto para o IIPC, agora contava com um terreno, concreto. Disse o professor Waldo para cancelar o projeto: “Vou colocar lá a minha biblioteca pessoal...”. Todos ficaram pasmos, afinal por que Foz do Iguaçu?

“Até certo ponto, as inversões conscienciais constituem um autossacrifício, sem masoquismo. Não receito sacrifícios nem recalques de emoções para ninguém. Nem pretendo mesmo convencer o experimentador ou a experimentadora. Busco informar. Quem decide é a consciência autocrítica do interessado, bem informado”. (Vieira, 1994, p. 689)

Não houve muita dúvida, ali estava minha nova inversão: largar o curso de Psicologia, temporariamente a proposta de itinerância pelo IIPC, família, atelier recém montado, inclusive a namorada e abraçar a ideia de construir o primeiro *Campus* da Conscienciologia do planeta, sem garantias ou seguro. O Diretor Administrativo do IIPC chamou o professor Waldo Vieira de louco, haja visto o que representava a cidade de Foz do Iguaçu: contrabando, máfias, fronteira, nada que justificasse tal investimento. Visão convencional,

sequer foi analisado que poderia ter alguma condicionante extrafísica ou intermissivista para aquela escolha. Houve inclusive por parte de alguns voluntários piadas do tipo: “corrida do ouro”, “mas se a represa estourar?” Ouvir estes comentários, aliado ao fato de dedicar-se exclusivamente ao projeto, recebendo um pro-labore de R\$ 240,00 e morando em uma nova basecon minúscula, que era um curral reformado, definitivamente foi o *acid test* de minha convicção de proéxis. Os quartos da primeira Basecon do CEAEC tinham o tamanho exato para caber uma pessoa de pé, uma bancada de 1,20, um guarda roupa e uma cama de casal encaixada em três cantos; média 1,90 x 2,60m. Certa vez lembro do professor Waldo chegando do Rio de Janeiro acompanhado de sua comitiva e ao me encontrar diz, olhando para minha roupa “suja de obra”: “... Alexandre, veja como você está, você é um abnegado”. Naquele momento, sentindo os pensenes ao redor do tipo: “... coitado do cara”, pensei que abnegado era um trafar. Recentemente, estudando a Enciclopédia da Conscienciologia, no verbete Qualificação dos Trafores (conscienciometrologia) (VIEIRA, 2010, p. 5912), vi que se tratava de um megatrafor raro, fruto de renúncia cosmoética, um dos 20 megatrafores específicos, necessários e escassos do intermissivista. Infelizmente o sentimento de menos-valia atrapalhava a percepção do meu real conceito.

A quinta inversão: a Tenepes sem os pré-requisitos

A tarefa energética pessoal – tenepes foi lançada pela primeira vez teoricamente no livro Projecciologia em 1986, com o nome de passe para o escuro. Esta tarefa é uma das mais profundas quando abordamos o conjunto de técnicas projeciológicas e conscienciológicas, por se tratar de uma técnica a ser executada até o resto da vida. Para tanto são sugeridos que o possível praticante da Tenepes cumpra diversos pré-requisitos. Há um pré-requisito que pode ser suficiente para antecipar a Tenepes: a inversão existencial. No meu caso, não tive a lucidez necessária para perceber o quanto era premente iniciar a Tenepes – no próprio livro colocava que a invéxis era uma forma de *antecipar* a prática da Tenepes, ainda houve uma certa relutância em não possuir os pré-requisitos. A questão básica era: como bancar a instalação do primeiro centro de pesquisa do planeta sem domínio energético e parapsíquico? Como bancar a Tenepes sem vários dos pré-requisitos?

Aonde reside esta inversão? Ao invés de ir atrás dos pré-requisitos da Tenepes, preparar-se convencionalmente para atingir tais pré-requisitos, buscou-se antecipar conforme o sugerido se utilizando da invéxis e de sua aplicação na instalação do *campi*, como sendo uma demanda multidimensional da equipe extrafísica, onde o praticante estaria suprindo a demanda e teria amparo de função para calçar a falta dos pré-requisitos.

Quando abordamos demanda de praticantes de Tenepes na instalação de um *campus*, pode parecer algo subjetivo de apenas colocarmos “a importância” de praticantes. Na realidade, os trabalhos relativos de implantação de um *campus*, representam um ir e vir de terceiros, prestadores de serviços, funcionários, comerciantes, além das ligações diretas e indiretas com estabelecimentos da própria cidade onde o centro está sendo implantado (contador, comerciantes, etc), que não conhecem a realidade multidimensional e muitas vezes precisam ser assistidos. Os assediadores irão tentar bloquear os trabalhos assistenciais minando o elo mais fraco da corrente. Os voluntários que trabalham na linha de frente são iscas lúcidas de forma intensiva, e a Tenepes é fundamental para promover o encaminhamento destas consciências extrafísicas. Durante os trabalhos do CEAEC, onde tive uma participação mais intensiva, diária e com dedicação exclusiva, era nítido meu funcionamento como porta assistido com relação direta com a Tenepes. O trabalho quase braçal de ir e vir nas construções, promover a iscagem de consciences, era percebido por poucos colegas voluntários na época. Inúmeros acidentes de percursos são

evitados quando o corpo de voluntários da linha de frente dos trabalhos são praticantes da Tenepes e não possuem preconceito de interagir com a linha de frente operacional para fazer assistência (serventes, pedreiros, jardineiros, faxineiras, vigias etc). Com esta disponibilidade pode-se perceber que a equipe extrafísica se utiliza destes praticantes como peões, a serem posicionados em locais e momentos chave para que a assistência ocorra, como sendo uma equipe de resgate e vigilância 24h. Isto não significa que o praticante da Tenepes ganhe uma conotação inferior aos demais, pois o mesmo não deve se abster de seus outros dois egos: pesquisador e docente, completando a tríade: intelectualidade, comunicabilidade e parapsiquismo.

O fato de eu ter optado por antecipar as práticas da Tenepes, não significa que sirva de exemplo para quem queira “queimar” etapas. A prática da Tenepes requer profunda certeza do proponente antes de iniciar os trabalhos assistenciais e, para isso, a recomendação é que leia e releia o *Manual da Tenepes* até que se consiga tomar a decisão em conjunto com os amparadores, para o resto da vida. A impulsividade existente durante a tomada de decisão é indicador de que o praticante não está preparado para iniciar os trabalhos. Por outro lado, a relutância em iniciar, pode ser indicador de pusilanimidade e egoísmo, mas, de qualquer modo, na dúvida, abstenha-se. Deve-se evitar iniciar a tenepes por recomendação de outrem sem a devida convicção e determinação.

A sexta inversão: abrir mão do CEAEC “pronto” para iniciar novo Centro de Pesquisa

O *Campus* CEAEC já estava instalado, havia inclusive a possibilidade de um mestrado vir para Foz do Iguaçu em convênio com a escola em que eu ministrava aulas, o que poderia complementar o meu currículo para iniciar aulas na universidade. Quando tudo levava a crer que o processo iria se estabilizar, surge a possibilidade de instalar um novo *Campus* no Espírito Santo. Acabou prevalecendo o espírito de desbravamento, lá fomos nós novamente para outro empreendimento evolutivo.

Naquele momento abri mão não apenas de um certo equilíbrio já alcançado perante o grupo evolutivo, mas de um *campus* instalado, de poder me dedicar mais à escrita do meu livro junto de toda a estrutura que recém inaugurava.

O tráfego da menos-valia

Durante a transição ou mudança de Foz do Iguaçu para o Espírito Santo no ano de 2001, foi detectado por este autor e colegas uma tendência de autodepreciação. O acesso a este padrão, posteriormente detectado através de conscienciometria e consciencioterapia, foi uma espécie de recaída a um porão da religiosidade. Uma espécie de nódoa paragenética eclodiu e criou um certo impedimento evolutivo calcado em autovitimizamentos. A ideia da nódoa ou mancha paragenética aqui é entendida como uma postura ou tendência de manifestação anacrônica que, ao encontrar um cenário retrocognitor a mesma eclode, ou seja, volta a se manifestar.

Mesmo tendo inúmeros fatos que comprovassem um real conceito perante mim mesmo e perante a multidimensionalidade, constantemente era invadido por um holopensene de incapacidade, inadaptação, ectopia e desânimo.

O fato comprovado pela autopesquisa é que esta tendência de autodepreciação era de fato um tráfego relacionado à religiosidade. O mesmo sempre esteve presente, em diversas fases da existência. Durante a infância e adolescência sempre fui uma pessoa procurada para “ouvir os problemas” dos outros. Vários colegas diziam que eu deveria fazer Psicologia. De certa forma a manifestação religiosa estava

tendo alguma vazão, porém não havia sido detectada *strictu sensu*. Foi justamente na época que morei no estado do Espírito Santo que provavelmente uma conjunção de variáveis grupocármicas e multidimensionais fizeram “transbordar o copo” e tornar a situação insustentável.

A saída maior desta condição, já diagnosticada e que vem sendo trabalhada, deu-se através do Curso Conscin-cobaia no *Campus* ARACÊ no ano de 2007. Os professores conscienciómetras disse-caram minha FEP – Ficha Evolutiva Pessoal, como que tirando o manto escuro que cobria minhas realizações e o saldo da minha ficha evolutiva. Aquele dia foi um marco, um ponto de virada. Aos poucos a situação foi clareando. A decisão em participar da Comissão Pró-Cognópolis em Foz do Iguaçu, uma comissão que buscava criar diretrizes e procedimentos que catalisassem ou orientassem a instalação de novos *campi* ou mesmo cognópolis, ajudou a reforçar os megratrafores que estavam adormecidos. Aos poucos o sentimento de recuperação do “real sentido” da proéxis parecia ter retornado.

A sétima inversão: da estabilidade financeira para novamente morar em um “curral reformado”

Após sete anos instalados no Espírito Santo, eu e minha dupla evolutiva adquirimos estabilidade financeira, um apartamento sem contrair financiamento, itinerávamos pela Conscienciologia, mas sabíamos que algo estava por vir. Havia uma insatisfação pairando no ar, como que se estivesse faltando algo, alguma peça na engrenagem da proéxis. Mais uma vez chegávamos ao patamar de realização na Associação ARACÊ. O *Campus* estava com uma infraestrutura básica funcionando, moradia, hospedagem, laboratórios, dentre outras estruturas. A Cognópolis Foz estava fervilhando e havia se tornado por demais complexa. Na ocasião eu ainda participava da comissão Pró-Cognópolis e fui chamado para retornar a Foz do Iguaçu para coordenar o Polo Conscienciocêntrico *Discernimentum*, o que seria a prefeitura da Cognópolis. Após grande contexto grupocármico que envolveu a transição da gestão da Associação ARACÊ da qual eu era o presidente, eu e minha dupla decidimos retornar para Foz do Iguaçu.

O plano era vender o apartamento, morar na cidade em um apto alugado até que construíssemos nossa base física na Cognópolis, afinal tínhamos terreno para isso.

Ao chegarmos em Foz e avaliarmos o objetivo que havia nos trazido de volta, optamos por morar no *Discernimentum*, em uma base física que era a reforma de um estábulo onde funcionava a Hípica Kohleberger. Esta foi a última inversão efetuada até o momento e ao que tudo indica, em conjunto com a mudança de outros tenepessistas para o *campus*, foi fundamental para a consolidação do Pólo *Discernimentum*. Uma das diretrizes básicas para iniciar os trabalhos de instalação de um *campus* conscienciológico é justamente a presença de moradores tenepessistas. Esta equipe acaba atuando na reurbanização extrafísica e consolidação dos trabalhos. Vale ressaltar: o objetivo estatutário do Polo Conscienciocêntrico *Discernimentum* é instalar a Cognópolis.

Conclusão

A aplicação da Técnica da Invéxis vai além do cumprimento dos pré-requisitos. Cada consciência, seja inversor ou reciclante, deve fazer uma autoanálise acurada para diagnosticar o seu real nível de invexibilidade. A Assinvéxis oferece *Know how*, técnicas e cursos para este diagnóstico. As sete inversões supracitadas foram as responsáveis por uma trajetória na Conscienciologia que, junto com a trajetória de diversos outros colegas, plasmaram duas Cognópolis. Tais inversões ratificam valores intermissivistas, descartam tendências majoritárias e convencionais, buscam fazer o mais difícil, o mais desagradável, o que dá menos *status* e, quase sempre, muito mais trabalho.

As inversões mais fáceis dizem respeito à saída da mesologia convencional. Após o contato com o holopensene do curso intermissivo existente em cursos da Conscienciologia ou mesmo nos *campi* conscienciológicos, fica fácil discernir entre o ectópico e o evolutivo. Abandonar velhas amizades ectópicas e hábitos prejudiciais à proéxis são as primeiras ações do praticante da invéxis. No meu caso isto se deu via seguro proéxis antes de conhecer a Conscienciologia. As demais inversões já se deram sob o viés do autodiscernimento evolutivo. O grande desafio do invexólogo é discernir entre o evolutivo e o mais evolutivo, avaliar o rendimento de sua atuação em subgrupos da Conscienciologia, perceber que é possível sim pertencer a uma Instituição Conscienciocêntrica ou grupo de pesquisa e estar subaproveitado ou mesmo em ectopia evolutiva. O abertismo para detecção desta realidade ectópica pode ser facilitado pela Conscienciometria e pela Consciencioterapia. A resistência gratuita em participar de cursos na condição de Conscin-cobaia ou mesmo de cursos ou atividades consciencioterápicas, pode ser um indicador desta situação de desvio. A Cognópolis Foz é um verdadeiro *supermercado* de oportunidades para os interessados na catálise da evolução consciencial: Holociclo, *Tertuliarium*, dinâmicas parapsíquicas, oficinas conscienciométricas e consciencioterápicas, oficinas da escrita, cursos de verbetografia, ICs em diversas especialidades enfim, o que era uma existência crítica na época em que havia somente o IIPC, hoje virou uma mega-existência crítica. Isso aumenta demais a nossa responsabilidade em fazer as reciclagens existenciais e intraconscienciais.

Logo no início quando conheci a Conscienciologia eu tinha a real noção de que meu porão consciencial poderia me aprontar alguma peça. Para diversos colegas eu afirmava: “não podemos ter certeza do que nosso porão consciencial pode nos reservar ainda nesta vida”. Eu me referia a possíveis irrompimentos de traços do passado, provocados por conscins, grupos, situações que pudessem cruzar a proéxis. O tráfego da menos-valia foi exatamente isso. Irrompeu aos 31 anos e vem sendo trabalhado, chegando este autor aos 40 anos de idade.

ESTOU ABERTO PARA PERCEBER A TODO SEGUNDO POSSÍVEIS DESVIOS CONSCIENCIAIS? ESTOU INTERESSADO EM SABER ONDE DE FATO MINHA ASSISTÊNCIA É MAIS NECESSÁRIA?

Referências bibliográficas

1. VIEIRA. W. *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
2. Idem. *Manual da Tenepes: Tarefa Energética Pessoal*; 138 p.; 34 caps.; 147 abrev.; glos. 282 termos; 5 refs.; Alf.; 21x14cm.; BR.; 2ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1996.
3. Idem. *Enciclopédia da Conscienciologia*; versão em DVD; Editares; & Comunicons; Foz do Iguaçu, PR; 2010; p. 5912.